

SUICÍDIO: UMA EPIDEMIA SILENCIOSA

Pressão, competitividade e exigência elevada são algumas das causas que levam ao autoextermínio de estudantes e profissionais da Medicina

POR KELI ROCHA



EVENTO NA APM
Maria Cristina Ramos de Stefano e Wimer Bottura Junior foram dois dos especialistas que debateram o tema

APENAS NO ANO passado, a Faculdade de Medicina da USP contabilizou ao menos seis tentativas de suicídio. Em agosto, um doutorando do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade consumou o ato no laboratório no qual trabalhava. Na lousa que havia no local, deixou escrito “I’m just done” (“Para mim, chega”, em tradução livre). Segundo relato de colegas, ele vinha enfrentando problemas para dar prosseguimento à tese, e estava

prestes a se qualificar [exame obrigatório que precede a defesa].

Outro caso mais recente ocorreu na Faculdade de Minas (Faminas). Em 16 de fevereiro deste ano, um estudante do nono período de Medicina atentou contra a própria vida, em sua residência. Em novembro do ano passado, a mesma faculdade teve outros dois registros de autoextermínio por alunos que também eram do mesmo curso.



SÍNDROME DE BURNOUT

Exaustão emocional, despersonalização e decepção conceituam o termo burnout. Em estudantes de Medicina, de acordo com a palestrante Andréa Tenório Correia da Silva, a síndrome traz como consequência a redução da performance e da qualidade assistencial, absenteísmo, aumento do consumo de álcool e drogas, redução da empatia, abandono do curso, depressão, ideação suicida e suicídio.

“Temos todo tipo de violência, não só assédio, mas também preconceitos naturalizados. É sempre bom lembrar que esse abuso tem relação direta com a depressão, o burnout e o suicídio”, disse a pesquisadora, docente do curso de Medicina da Faculdade Santa Marcelina e orientadora do Programa de Pós-graduação do Departamento de Medicina Preventiva da FMUSP.

“O burnout é a própria capacidade de um profissional querer controlar as questões, a participação de como o trabalho é organizado e executado. A falta de controle de sugerir e de interferir no serviço leva ao sintoma”, esclarece Sergio Tamai, diretor Científico do Departamento de Psiquiatria da APM.

Em termos de prevenção, “o médico precisa desenvolver o hábito de praticar exercícios físicos, relaxamento, praticar voluntariado e outras experiências não relacionadas ao trabalho, passar mais tempo com a família, ter mais habilidades interpessoais e senso de humor”, sugere.



MAL SILENCIOSO

A pesquisadora Andréa Tenório Correia da Silva falou sobre burnout aos participantes

Os casos descritos fazem parte de um cenário que vem crescendo nos últimos anos, extrapolando os muros das faculdades e ganhando holofotes na mídia. Por isso, para debater o tema, a Associação Paulista de Medicina realizou a Jornada Multidisciplinar de Saúde do Médico, em 17 de março, que contou com a presença de especialistas renomados no assunto.

Pressão, competitividade, exigência elevada, desapontamento, lidar com a morte, desumanização, abuso, excesso de atividades, objetivismo excludente, sentimentalismo tóxico, estigma, débito estudantil e personalidade são as principais causas desses números, segundo o psiquiatra Guilherme Spadini, colaborador do Grupo de Assistência Psicológica ao Aluno (Grapal) da FMUSP.

“O curso é bastante exigente, a quantidade de matérias é grande e tem se tornado cada vez maior nas últimas décadas. O nível da competição também é um dos mais altos no universo acadêmico. Ao ficarem de olho na média ponderada, participam de muitas ligas e atividades extracurriculares”, exemplifica.

Segundo levantamento apresentado pelo especialista, a prevalência de ideação suicida varia entre estudos de 8% a 13%. Entretanto, os autoextermínios entre estudantes de Medicina na

Faminas e na FMUSP ultrapassam as estatísticas nacionais.

Entre médicos do estado de São Paulo, no período de 2000 e 2009, das 2.297 declarações de óbitos, o suicídio foi responsável por 50 das incidências, ou seja, 1,7%, segundo estudo exibido pela psiquiatra Maria Cristina Ramos de Stefano, editora do livro *Suicídio: a epidemia calada*, que traz o diário dos três últimos anos de vida de seu filho, Felipe. Aos 34 anos, o artista plástico tirou a própria vida.

“Suicídio é uma epidemia. A própria Organização Mundial de Saúde vem nos alertando desde 2010 sobre a necessidade de os governos manterem atitudes firmes, sérias e eficientes em relação à sua prevenção. Infelizmente, esses parâmetros da OMS nem sempre são atendidos a tempo e a hora”, aponta a especialista.

O também psiquiatra e coordenador do evento, Wimer Bottura Junior, complementa: “Com o aumento dos registros de suicídios, nas mais diversas universidades, o assunto tem repercutido fortemente nos meios de comunicação, na vida das famílias e de nós, professores. Houve um movimento no ano passado dos docentes da escola de Medicina da USP, tendo como resultado o encontro aqui hoje, para estudar, ouvir pessoas e escutar respostas para muitas questões”. ●